

O holocausto e a Faixa de Gaza: como a memória discursiva opera nas opiniões internacionais¹

Nicole dos Santos Teixeira²

Kalliandra Quevedo Conrad³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

Resumo

Este trabalho é uma reflexão introdutória com base nas contribuições teóricas de Marie-Anne Paveu sobre como a memória-cognitiva-discursiva do holocausto é reconfigurada contemporaneamente para associar a Guerra na Faixa de Gaza. A partir disso, foi analisado o discurso do atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no evento da União Africana em 2024 na Etiópia, no qual comparou a ofensiva israelense na Faixa de Gaza com o Holocausto. De modo complementar, as opiniões de Israel e da Alemanha sobre o acontecido também serão apresentadas e analisadas. Por fim, este trabalho refletiu sobre a como a memória discursiva opera na produção de sentidos diferentes internacionalmente através dos pré-discursos, des-memória e a-memória e a relevância da identidade discursiva dos países para as menções do Holocausto em seus discursos.

Palavra-chave: Holocausto, Memória, Memória discursiva, Pré-discursos, Des-memória, A-memória e Memória-Cognitiva-Discursiva.

Considerações iniciais

Como a memória que decorre de um passado, opera nas produções de sentido no presente? Desde 2024, no Brasil, com a Guerra entre Israel e Palestina, a palavra Holocausto, tem sido frequentemente usada como uma espécie de memória discursiva nos discursos político a respeito da Guerra na faixa de Gaza. Em um desses enunciados, a começar por Netanyahu (2023), Primeiro-Ministro de Israel, chamou o grupo Hamas de “novos nazistas”. Subsequentemente, o atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva comparou o que Israel está fazendo em Gaza com o que Hitler fez aos judeus. A partir desse exemplo, percebe-se o quanto a evocação da memória do Holocausto é

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, e-mail: nicolet@alunos.utfpr.edu.br

³ Orientadora do trabalho, docente do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, e-mail: kconrad@professores.utfpr.edu.br

poderosa na produção de sentidos de discursos internacionais diplomáticos, de tal maneira que reconstrói o passado categorizando o presente.

Os argumentos usados no exemplo citado anteriormente refletem a “memória cognitivo-discursiva” proposta por Marie-Anne Paveau (2005), pois não se trata apenas de uma recapitulação da memória, mas de uma reconstrução de significados a partir dela. Com base nisso, neste artigo será analisado como a evocação da lembrança do Holocausto é utilizada no discurso político⁴ contemporâneo para produzir novos sentidos sobre a guerra entre Israel e Palestina. Além disso, serão observados os pré-discursos, a des-memória e a-memória propostos por Paveau (2007; 2013) à luz do tema “Holocausto”, com destaque para as repercussões da fala do atual presidente do Brasil ao relacionar o Holocausto à guerra na Faixa de Gaza, além disso, de forma complementar será apresentado quais as produções de sentido de Israel e Alemanha sobre o ocorrido.

Para realizar essa análise, o trabalho está dividido em quatro partes. A primeira consiste em apresentar o conceito de memória-cognitiva-discursiva e as contribuições de Paveau (2005; 2007; 2013). A segunda parte trata da metodologia de análise de pré-discursos, sugerida pela autora e como seus outros conceitos podem ser abordados na análise discursiva. Em seguida, será apresentado o desenvolvimento da análise da memória-cognitiva-discursiva das notícias selecionadas. E por fim, as considerações finais em que refletimos sobre as relações sociais discursivas internacionais e suas produções de sentido a partir da evocação do Holocausto em seu discursos.

Uma breve recapitulação da memória e suas repercussões discursivas

O termo “memória discursiva” foi apresentado pela primeira vez na tese de J.-J. Courtine, orientada por Michel Pêcheux, e publicada na revista *Langages*, em 1981, (Paveau, 2005). A partir disso, outros analistas do discurso, como Marie-Anne Paveau, se aprofundaram na temática e colaboraram introduzindo outros conceitos para a AD sobre as relações de memória e discurso.

⁴ Reconhecemos a importância desse conceito, mas nesse trabalho não o aprofundaremos. C.f Charaudeau

A “memória no discurso” assim chamada por Paveau (2005, p.2), na verdade, é oriunda de uma memória coletiva que organiza “quadros sociais”, termo anteriormente citado por Halbwachs (1925), no interior dos sujeitos, ao passo que essa produção de sentido passa a ser circulada e constitui a identidade de seus locutores. Além disso, segundo Paveau, a memória, sob sua forma discursiva ou interdiscursiva, está ligada às “condições sócio-históricas e cognitivas de produção dos discursos, aos dados extra-discursivos e, sobretudo, pré-discursivos que participam da elaboração e da circulação das produções verbais de sujeitos social e culturalmente situados” (PAVEAU, 2005, p. 2).

A começar pela condição sócio-histórica e cognitiva, vale ressaltar, a afirmação da autora de que a memória no discurso não é simplesmente uma forma de recordação do acontecimento, mas sim um meio pelo qual a memória reconstrói o passado para recategorizar o presente. Da mesma forma, o conhecimento da origem do acontecimento é considerado por ela “secundária”, visto que, a realidade do contexto do passado já não existe, e assim, torna-se mais importante analisar a reconfiguração a qual ela está submetida para produzir o sentido no presente (Paveau, 2005).

Por isso, Paveau (2005) propõe o conceito de “memória cognitivo-discursiva”, destacando seu caráter reconstrutivo, que atua na (re)categorização. Esse conceito sugere uma concepção “dinâmica” (Paveau, 2005, p.5), que vai além do objetivo de ser apenas recuperada ou compartilhada, logo, atua como operadora no pré-discurso e no próprio discurso. Paveau (2005) justifica que essa nova abordagem, em três dimensões: 1) a cognição e reconhecimento; 2) a afetiva e emocional; e a 3) laços memoriais. A primeira sendo a uma dinâmica cognitiva que se categoriza à medida em que se criam novas versões do passado no presente. A segunda, está atrelada aos sentimentos, percepções de “desastres” ou de “sofrimento” que podem ser tomados como exemplos dessa dimensão. Por fim, a terceira refere-se ao compartilhamento dos saberes e crenças, de maneira que ancestrais podem ser considerados “agentes humanos de distribuição” e “lugares de memória”, ou seja, aqueles que sustentam essa transmissão de conhecimento por meio de discursos ou artefatos.

No exemplo dado por Paveau (2013), em Memória, des-memória, a-memória, o substantivo “Beirute” é um desses lugares de memória, que é também “agente de

distribuição”. Agentes de distribuição são àqueles que falaram antes e compartilharam um saber uma crença. Enquanto, os lugares de memória são os conteúdos semânticos, ou seja, os sentidos que estas palavras e expressões possuem. Cabe também citar outro conceitos abordado por Paveau, as “linhagens discursivas”, como canais da memória cognitivo-discursiva que representam, acolhem e transmitem esses “lugares de memória”. É o conjunto dos valores associados ao nome, com as memórias icônicas televisivas e afins. “Eles são elementos importantes na construção dos discursos ideológicos, em particular por sua força argumentativa” (Paveau, 2013, p.152).

Além de ser parte da construção e distribuição de memória discursiva, o pré-discurso é um “conjunto de quadros [...] coletivos que têm um papel instrucional na produção e interpretação do sentido em discurso” (Paveau, 2007, p. 318). Porém, os pré-discursos não possuem uma natureza identificável, ou seja, ele nem sempre será percebido porque:

São quadros de saber, de crença e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (é sua natureza representacional), mas estão distribuídos, no sentido cognitivo desse termo, nos ambientes materiais da produção discursiva (Paveau, 2007, p. 318).

Ao todo, ele possui seis características que os tornam analisáveis: sua coletividade; imaterialidade; transmissibilidade; experiencialidade; sua intersubjetividade; e sua discursividade.

Por fim, dois outros conceitos propostos por Paveau (2013) para a AD são importantes: o conceito de des-memória e a-memória. O primeiro trata-se de um retrabalho da definição de des-memória que Regina Robin introduziu para falar da transformação de nomes das ruas após a queda do muro de Berlim. Paveau (2013) atribuiu para a AD o termo “desmemória” a fim de explicar a existência de um conjunto de fenômenos, normalmente ligados aos sentidos e às palavras, que resultam em um processo de revisão, ou “desligamento das lembranças” (Paveau, 2013). É possível ilustrar o conceito na forma como algumas lembranças são reformuladas e ressignificadas através de um memorial, tal como o exemplo da troca do nome das ruas em Berlim estudada por Robin (Paveau (2013).

Nesse sentido, a a-memória discursiva como é uma espécie de “apagamento, consciente ou inconsciente” daquilo que aconteceu ou que foi dito no passado “o locutor não quereria ter mais nada a dizer, mas são ditos mesmo que pelo viés do inconsciente e

da somatização, ou ainda, nas linguagens infinitamente inovadoras do sintoma” (Paveau, 2013). Logo, percebe-se que a a-memória discursiva, leva consigo os sintomas do trauma mesmo o sujeito não a tenha vivido.

Apresentados os conceitos teóricos, passamos para a descrição da análise proposta por Marie-Anne Pauveau.

Descrição do percurso metodológico

O substantivo “Holocausto” nem sempre significou o que é agora. O Holocausto é como o exemplo dado por Paveau (2013), “Beirute”, para falar de “lugares de memória”, que também são “agentes de distribuição”. Na verdade, a palavra tem origem grega ('holókauston') e significa "sacrifício em que a vítima é queimada viva", ou "sacrifício pelo fogo". Entretanto houve uma ressignificação do termo pós Segunda Guerra Mundial. Até então o termo era um “lugar de memória” e também “agente de distribuição” que remetia a uma das maiores tragédias da história humana provenientes do nazismo, onde aproximadamente, 6 milhões de judeus foram mortos sem contar os que não eram judeus mas que também foram vítimas do nazismo. Entretanto, atualmente novas menções ao Holocausto estão sendo retomadas para tratar da Guerra na Faixa de Gaza.

Sobretudo, há nessas menções outros elementos fundamentais a serem observados, os quais evidenciam a existência de um pré-discurso e uma reconfiguração de sentidos vista a partir da memória-cognitiva-discursiva. Para recortar o cenário e estudar as produções de sentido do termo, foi analisado o discurso do atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em evento da União Africana na Etiópia, no qual comparou a ofensiva israelense na Faixa de Gaza com o Holocausto. De modo complementar, opiniões de Israel e da Alemanha sobre o acontecido também serão apresentadas e analisadas.

No que tange o caráter pré-discursivo do Holocausto e suas implicações “não identificáveis”, Paveau (2007, p. 318), propõe um método de análise dos pré-discursos a partir de 6 características, as quais ela cita:

sua coletividade, resultado de uma co-elaboração entre os indivíduos e entre o indivíduo e a sociedade; sua imaterialidade, já que a pré-discursividade é de ordem tácita (isto é, não formulável explicitamente, ao contrário do implícito); sua transmissibilidade, no eixo horizontal de comunicabilidade enciclopédica (a ideia do compartilhamento) e no eixo vertical da transmissão por meio das

linhagens discursivas (o papel da memória); sua experiencialidade, já que permitem ao sujeito organizar e, também, antecipar seu comportamento discursivo; sua intersubjetividade, pois os critérios de mobilização são veri-relacionais, e não lógicos; sua discursividade, enfim, já que são linguisticamente assinalados (Paveau, 2007, p. 318).

Apenas cinco delas, serão relevantes abordar neste trabalho, tal como: 1) a coletividade, 2) imaterialidade, 3) transmissibilidade, a 4) intersubjetividade e a 5) discursividade. Além disso, os conceitos de desmemória, memória-cognitiva-discursiva serão considerados para analisar o recorte dos discursos selecionados e por fim, apresentar possíveis reconfigurações de sentidos vistas a partir da memória-cognitiva-discursiva.

O pré-discurso do Holocausto e a memória-cognitiva-discursiva na produção de sentidos sobre a Guerra na Faixa de Gaza

A [1] coletividade do termo está no fato de que os saberes comuns sobre o nazismo entre 1933 e 1945, que são supostamente partilhados por seus interlocutores e “integram o estado de conhecimentos comuns de uma sociedade em um dado momento” (Paveau, 2007, p.150).

Quanto a sua [2] imaterialidade, não é o substantivo “Holocausto” que formula explicitamente a tragédia e ao genocídio promovido pelo nazismo; mas conjunto de conhecimentos prévios depositados “na memória” e no “ambiente” de seus interlocutores “que constituem as instruções de interpretação” (Paveau, 2013).

Esses conjuntos prévios, pode-se compreender que estão ligados a outra característica mencionada pela autora, a [3] transmissibilidade, a qual remete ao âmbito horizontal da partilha de conhecimentos cujo termo é transmitido - tal como instituições de ensino, produções cinematográficas, livros, museus, discursos públicos, memoriais como os campos de concentração que ainda podem ser visitados e o dia internacional da lembrança das vítimas do Holocausto - e ao vertical, onde estão as linhagens discursivas, ou seja, o papel da memória, e assim na transmissibilidade, o sentido da expressão “Holocausto” é transmitido pela “enciclopédia ambiente de meus ambientes” (Paveau, 2013) e porque, enquanto locutor, o sujeito inscreve em suas falas naquelas de seus antecessores, retomando suas formas e sentidos, muitas vezes sem ter consciência disso (Paveau, 2013).

A [4] intersubjetividade da expressão é marcada por sua dimensão valorativa e não lógica: dizer que algo “foi um Holocausto” não é fazer uma comparação empírica precisa com a Segunda Guerra Mundial, mas produzir uma avaliação simbólica extrema de destruição, injustiça e violência.

No que se diz respeito à sua [5] discursividade, o Holocausto, como uma assinatura linguística carrega sentidos que vão além do seu significado literal, permitindo que o sujeito recupere o evento ao qual este termo produz o sentido, de tal forma que este mesmo sujeito pode categorizá-lo para novas produções de sentido no discurso presente (Paveau, 2013).

Tendo uma breve análise pré-discursiva do Holocausto, a seguir analisaremos como os discursos se apropriam do termo para as novas produções de sentido com a Guerra da Faixa de Gaza a partir do discurso do Lula na União Africana, em 2024, ao comparar o Holocausto com a Guerra na Faixa de Gaza, a qual estima-se que mais de 60 mil palestinos morreram, em sua maioria mulheres e crianças, devido às ofensivas israelenses entre 2023 e junho de 2025. Em seu discurso, o presidente Lula (2024) afirmou em vídeo publicado pela CNN Brasil no YouTube::

“O que está acontecendo na Faixa de Gaza com o povo palestino... não existe nenhum outro momento histórico — aliás, existiu, sim: quando Hitler resolveu matar os judeus⁵. (Lula, 2024)

A menção à Hitler, também é uma “linhagem discursiva” que remete ao Holocausto. Em seu discurso, o presidente compara o que o governo de Israel tem feito com os palestinos com o que aconteceu com os judeus durante o nazismo. Percebemos aqui uma memória-cognitiva-discursiva onde Lula traz o passado não apenas como lembrança do ocorrido mas, uma reconstrução do passado para organizar sua visão sobre o que está acontecendo no presente. Logo, sua expressão traz o sentido de que os Israelenses estariam fazendo o que nazismo fez aos judeus durante o Holocausto. Aparentemente, para o pré-discurso do Holocausto posto por Lula, a relevância do termo se mede não pela veracidade factual da analogia, mas pela força do apelo dirigido ao outro: é uma tentativa de convocar reconhecimento, empatia e urgência moral.

Em reação, Israel alegou que o discurso foi um grave ataque antisemita e declarou Lula "persona non grata" no país - termo é um instrumento jurídico utilizado

⁵ A fala foi retirada do vídeo publicado pela CNN Brasil no YouTube, em 18 fev. 2024.

nas relações internacionais para indicar que um representante oficial estrangeiro não é mais bem-vindo no país. Isso mostra que a produção de sentido de Israel sobre o ocorrido não foi interpretada da mesma maneira que Lula, e sim como uma ofensa apresentada a partir das seguintes falas Israelenses:

Não esqueceremos e não perdoaremos. É um grave ataque antissemita. Em meu nome e em nome dos cidadãos de Israel – informe ao presidente Lula que ele é persona non grata em Israel até que ele se retrate”, disse Israel Katz ao embaixador do Brasil em Tel Aviv, Frederico Meyer, durante reunião em Jerusalém. (CNN BRASIL, 2024)

É lamentável o posicionamento, cada vez mais extremista, tendencioso e dissociado da realidade, do Presidente Lula. Comparar a legítima defesa do Estado de Israel contra um grupo terrorista que não mede esforços para assassinar israelenses e judeus com a indústria da morte de Hitler é de uma maldade sem fim. (Federação Israelita do Estado de São Paulo, 2024)

Pode-se dizer que para Israel, a comparação das suas ações à “Hitler”, ou ao Holocausto, produziu para eles um sentido “antissemítico” e isto se dá por dois possíveis motivos. Primeiro, estaria relacionado à oposição do presidente para com as suas práticas de “defesa” contra os “novos nazistas” (termos usados pelo discurso de Benjamin Netanyahu sobre o Hamas divulgado pela Jovem Pan News, em 19 de out. de 2023). Esse episódio pode ser lido como um caso de desmemória, em que o termo “nazistas”, anteriormente associado exclusivamente à Alemanha nazista, passa a ser deslocado e atribuído a outro inimigo, no caso, o Hamas. O segundo motivo teria uma base geopolítica história do conflito, onde as nações árabes nunca reconheceram o Estado de Israel, logo defendê-los seria uma maneira de ser contra Israel, no caso “antissemítico”. Entretanto, é difícil explicar o conflito Árabe-israelense, pois suas raízes estão firmadas desde o surgimento do Estado de Israel, conforme explica o jornal Brasil de Fato:

A tensão na região existe desde a criação, pela ONU, do Estado de Israel (1948), no território palestino, contra a vontade das nações árabes da região e sem que nunca fosse reconhecido o Estado Palestino. Antes o território era uma posse colonial do Reino Unido, que tomou as terras do antigo Império Otomano, derrotado na Primeira Guerra Mundial. (Brasil de Fato, 2024)

Sobre o discurso de Lula, a Ministra de Relações Exteriores da Alemanha, Annalena Baerbock, afirmou que “o Holocausto não pode ser comparado a nada” (O GLOBO, 2024). A partir desta declaração, o trauma do “Holocausto” é transmitido e

incorporado, mas não enunciado claramente, tal como a a-memória proposta por Paveau (2013), em que a enunciadora não queria ter que falar nada a respeito desta memória mas ainda na sua ausência de palavras ela demonstra o trauma catastrófico ao não conseguir compará-lo a nada.

Considerações finais

A partir das notícias analisadas, percebe-se o quanto o pré-discurso contido no termo “Holocausto” é tangenciado na memória-cognitiva-discursiva dos discursos políticos para tratar da guerra entre Israel e Palestina. Esse processo começou com Netanyahu, Primeiro-Ministro de Israel, ao se referir ao Hamas como “novos nazistas”. Em seguida, no Brasil, o presidente Lula comparou Israel ao regime nazista. Posteriormente, a Alemanha também retomou essa “linhagem discursiva”.

Entretanto, na análise introdutória deste artigo sobre a temática do Holocausto nos discursos atuais da guerra, não cabe dizer quais posicionamentos estão certos ou errados, mas dispor que, para cada um dos países o “Holocausto” é reconfigurado para produzir sentidos argumentativos e posicionamentos a respeito da Guerra atual. Essas reproduções de sentidos não são convergentes, na verdade podem ser muito polêmicas a depender dos seus interlocutores.

Mas é interessante observar que não houve a mesma repercussão nem os mesmos posicionamentos quando Israel intitulou o Hamas como “novos nazistas”. Podemos supor algumas razões para isso: Israel ocupa uma posição de fala marcada pela condição de vítima do nazismo, o que lhe confere legitimidade para fazer essa comparação. Da mesma forma, a Alemanha, que há mais de 80 anos é lembrada por seu passado sombrio de genocídio histórico. Entretanto, o Brasil, com sua pouca influência durante aquele regime, não possui o mesmo lugar de fala para recorrer a esse tipo de analogia.

Ao que parece, a participação histórica de cada um deles também reflete na sua identidade discursiva, ou seja sua legitimidade como enunciador para tal comparação com a memória e o contexto atual, e esta por sua vez seria um estudo a ser analisado com maiores proporções sobre essa temática, além de aprofundar as contribuições sobre discursos políticos.

Referências

BRASIL DE FATO. Dirigente do PT acusa Israel de usar vítimas do Holocausto como escudo contra críticas ao genocídio palestino. 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/20/dirigente-do-pt-acusa-israel-de-usar-vitimas-do-holocausto-como-escudo-contracriticas-ao-genocidio-palestino/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CNN BRASIL. Entenda o que Lula falou sobre Holocausto e Israel. 20 fev. 2024. Atualizado em 1 mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/entenda-o-que-lula-falou-sobre-holocausto-e-israel/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CNN BRASIL. Entenda o que é “persona non grata”, título atribuído por Israel a Lula após fala sobre o Holocausto. 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-o-que-e-persona-non-grata-titulo-atribuido-por-israel-a-lula-apos-fala-sobre-o-holocausto/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

DIVERSITA. Holocausto e antissemitismo. [s.d.]. Disponível em: <https://diversitas.fflch.usp.br/holocausto-e-anti-semitismo>. Acesso em: 17 jun. 2025.

FISESP. Federação Israelita de SP condena declarações do presidente Lula. [s.d.]. Disponível em: <https://fisesp.org.br/federacao-israelita-sp-condena-declaracoes-do-presidente-lula/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LULA diz que Israel comete genocídio em Gaza. YouTube, publicado por CNN Brasil, 18 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uW2h7nbphKQ>. Acesso em: 17 jun. 2025.

O GLOBO. No Rio, ministra alemã comenta declaração de Lula sobre ataques israelenses em Gaza: “Holocausto não pode ser comparado a nada”. 21 fev. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/02/21/no-rio-ministra-alema-comenta-declaracao-de-lula-sobre-ataques-israelenses-em-gaza-holocausto-nao-pode-ser-comparado-a-nada.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PAVEAU, Marie-Anne. *Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado*. Tradução de Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 5, p. 137–161, dez. 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. *Palavras anteriores: os pré-discursos entre memória e cognição*. Tradução de Norma S. Goldstein. *Revista Filologia Linguística Portuguesa*, n. 9, p. 311–331, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. *Reencontrar a memória: percurso epistemológico e histórico*. Tradução de Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. [S.l.]: Universidade Federal de Minas Gerais, Núcleo de Análise do Discurso (NAD), [2005].